

Violência, indisciplina e incivilidade se tornaram parte do cotidiano escolar, levando educadores a dedicarem boa parte do tempo para resolver os problemas de relacionamento interpessoal que acontecem na escola. Tal questão tem gerado desmotivação para o trabalho docente, visto que os problemas presentes nas relações interpessoais contrariam o desejo dos educadores: formar pessoas mais autônomas, responsáveis e respeitadas. Embora tenham esse desejo, muitos educadores não sabem como intervir em situações de conflito. Como reverter esse quadro? Como intervir quando falta o respeito, a solidariedade? Como fazer para que crianças e adolescentes possam se relacionar sem o uso da violência física ou verbal? Essas e muitas perguntas instigam-nos a cada dia buscar por respostas, e nos levam a repensar nossa tarefa de educadores.

Luciene Regina Paulino Tognetta • Telma Pileggi Vinha (orgs.)

# É possível superar a violência na escola?

CONSTRUINDO  
CAMINHOS PELA  
FORMAÇÃO MORAL

ISBN 978-85-10-05120-0



9 788510 051200

**E B**

EDITORA do BRASIL



UNICAMP



Revista de  
Educação

**GT**  
gepem

Grupo de Estudos e  
Pesquisas em Moralidade

**E B**

EDITORA do BRASIL



UNICAMP



Revista de  
Educação

**GT**  
gepem

Grupo de Estudos e  
Pesquisas em Moralidade



Escreveu Jean Piaget em 1945:

*Não é livre um indivíduo submetido à coação da tradição ou da opinião rejeitante, que se submete a priori a todo decreto da autoridade social e permanece incapaz de pensar por si só. Também não é livre o indivíduo cuja anarquia interior o impede de pensar e que, dominado pela sua imaginação ou sua fantasia subjetiva, pelos seus instintos e sua afetividade, é abalroado entre as tendências contraditórias de seu "eu" e de seu inconsciente. Em compensação é livre o indivíduo que sabe julgar, e cujo espírito crítico, a capacidade de tirar lições das experiências e a necessidade de coerência lógica colocam-se a serviço de uma razão autônoma, comum a todos os indivíduos e não dependente de nenhuma autoridade exterior.*

Terá essa análise relação com o "mapa do problema escolar" que inspirou a feitura do livro que se vai ler? Com efeito, que relação teria a falta de liberdade e ações como incivildade, indisciplina, bullying e violência em geral?

A relação certamente não é direta, mecânica, biunívoca. Mas ela pode existir. Por exemplo, alguém poderá ser violento porque incapaz de *não* transformar em ações sentimentos negativos (que podem ser legítimos) que experimenta. Outro exemplo: alguém pode aderir à detestável prática do bullying porque "se faz", porque o grupo o incentiva a fazê-lo, porque falta mínima reflexão a respeito das decorrências sociais desse ato. Outro exemplo ainda: alguém poderá ser indisciplinado, não por saudável rebeldia, mas porque refém de uma compreensão primária da razão de ser das regras sociais vistas como imposi-

Tognetta, Luciene Regina Paulino  
É possível superar a violência na escola? : construindo caminhos pela formação moral / Luciene Regina Paulino Tognetta, Telma Pileggi Vinha, (organizadoras). – São Paulo : Editora do Brasil : Faculdade de Educação Unicamp, 2012. – (Coleção práxis educação)

Vários autores.  
Bibliografia  
ISBN 978-85-10-05120-0

1. Disciplina escolar 2. Educação – Aspectos morais e éticos 3. Educação e Estado 4. Violência nas escolas I. Tognetta, Luciene Regina Paulino. II. Vinha, Telma Pileggi. III. Série.

11-12191 CDD-370.15

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ética, violência nas escolas : Psicologia educacional 370.15

©Editora do Brasil S.A., 2012  
Todos os direitos reservados

**Direção executiva**  
Mária Lúcia Kerr Cavalcante Queiroz

**Gerência editorial**  
Cibele Mendes Curto Santos

**Supervisão editorial**  
Rita de Cássia Rodrigues  
Felipe Ramos Poletti

**Supervisão de arte e editoração**  
Adelaide Carolina Cerutti

**Supervisão de direitos autorais**  
Marilissa Bertolone Mendes

**Supervisão de controle de processos editoriais**  
Marta Dias Portero

**Coordenação editorial**  
Regina Lúcia Faria de Miranda

**Consultoria de iconografia**  
Tempo Composto Col. de Dados Ltda.

**Produção editorial**  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

**Revisão**  
Michele Mitiê Sudoh  
Eduardo Carneiro Monteiro  
Priscila Gurgel Thereso

**Pesquisa iconográfica**  
Adriana Vaz Abrão  
Daniela Barauna  
Juliane Orosco

**Design gráfico e capa**  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

**Licenciamento de textos**  
Renata Garbellini

**Controle de processos editoriais**  
Leila P. Jungstedt  
Carlos Nunes  
Flávia Iossi

1ª edição / 1ª impressão, 2012  
Impresso na Corprint Gráfica e Editora Ltda



**EDITORA DO BRASIL**  
Rua Conselheiro Nébias, 887 – São Paulo/SP – CEP 01  
Fone: (11) 3226-0211 – Fax: (11) 3222-5583  
www.editoradobrasil.com.br



Av. Bertrand Russell, 801  
Cidade Universitária Zeferino Vaz  
13083-865 – Campinas – SP



Apresentação 7

Luciene Regina Paulino Tognetta  
Telma Pileggi Vinha

Capítulo 1 18

POR ONDE COMEÇAR A SUPERAÇÃO  
DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA?

A implantação de um ambiente cooperativo  
e o trabalho com a construção do conhecimento

Lívia Maria Silva Licciardi  
Adriana de Melo Ramos

Capítulo 2 38

AMIGOS OU INIMIGOS NA ESCOLA?

A relação entre pares e o trabalho com amizade na escola

Jussara Cristina Barboza Tortella

Capítulo 3 60

A ORGANIZAÇÃO DAS REGRAS E  
ASSEMBLEIAS EM SALA DE AULA:

Obedecer à autoridade ou aos princípios?

Adriana de Melo Ramos  
Mariana Guimarães Wrege  
Vanessa Fagionatto Vicentin

Capítulo 4 78

O PROCESSO DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS  
ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Sonia Maria Pereira Vidigal  
Vanessa Fagionatto Vicentin

Capítulo 5	98
VENCER O BULLYING ESCOLAR: O desafio de quem se responsabiliza por educar moralmente <i>Luciene Regina Paulino Tognetta</i>	
Capítulo 6	116
OUTROS PROCEDIMENTOS PARA EDUCAR MORALMENTE: Como as histórias infantis e a discussão de filmes podem ajudar na formação moral de nossos alunos? <i>Denise D'Aurea-Tardeli</i>	
Capítulo 7	138
DE QUEM É A TAREFA DE EDUCAR MORALMENTE? A comunidade educativa na gerência da violência na escola <i>Sandra Cristina de Carvalho Dedeschi</i> <i>Lívia Maria Silva Licciardi</i>	
Capítulo 8	158
ALUNOS, PROFESSORES, ESCOLA E INDISCIPLINA: O contexto pós-moderno e as contribuições de Piaget <i>Silvia Parat-Dayan</i>	
Breve histórico do Gepem – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral	175

Para Gabriel, Laura e Sofia,  
pelo direito de vocês e de todas as crianças a uma escola  
em que a convivência seja pacífica e em que a alegria  
seja um hino que se cante todos os dias.



**Superação do bullying**  
Construção do  
autorrespeito e do  
respeito ao outro pela  
sensibilidade moral

*Creio na vontade humana mas não esqueço de lhe  
exigir que sirva e defenda a vida em vez de ofendê-la e  
humilhá-la.*

José Saramago

## **VENCER O BULLYING ESCOLAR:**

O desafio de quem se responsabiliza  
por educar moralmente

---

LUCIENE REGINA PAULINO TOGNETTA

A desconfiança deste pequeno é séria e completamente possível quando pensamos no caso da violência no Rio, naquela quinta-feira. Um homem, não um bicho, poderia escolher não matar, não morrer. Mas escolheu a morte. O que o levou a isso? Teria sido caso de bullying? E por que na escola? E ainda, por que especialmente naquela escola?

Pergunta por pergunta, vamos tentando entender os fatos. Não se trata de um ato comum. Os fatos parecem mostrar tratar-se de um psicopata. Um doente, cujo pensamento centrado em si, numa única possibilidade de satisfação pessoal, buscava validar sua crença: aquela de que as crianças eram impuras... Ora, então é preciso que pensemos: é verdade que ele pode ser doente e no auge de sua loucura incapaz de se descentrar e se comover com a dor do outro. Mas seria só isso? Teimosamente, nos perguntariam ainda: teria sido um caso de bullying?

Com essa indagação é possível então começarmos a discutir o tema proposto neste artigo: o desafio de vencer esta forma tão violenta que tem se disseminado entre nós. Começemos, então, entendendo o fenômeno, para pensá-lo tendo em vista a tragédia de Realengo.

#### TERIA SIDO UM CASO DE BULLYING?

A comparação entre as cigarras e os homens, que mencionamos anteriormente, nos possibilita pensar exatamente no que nos faz melhores que quaisquer outros animais: nossa capacidade de decidir, de escolher, que nos torna humanos e define o que chamamos de ética (SAVATER, 2002). Como único animal, moral ou ético, o homem é capaz de respeitar os outros por uma capacidade de decisão, de autorregulação. Da mesma forma, como tal capacidade é humana, a falta de

#### OS FATOS QUE SE REPETEM...

Pediram-nos outro dia que falássemos sobre a violência no Rio de Janeiro, a violência terrível cometida com nossas crianças, no que ficou conhecida como a “tragédia de Realengo” (em que 12 crianças foram mortas por um homem que entrou na escola atirando violentamente em suas vítimas), e a relação que este fato teria com o que chamamos de bullying. Queremos então começar falando de uma criança em especial. Estávamos, nós e nosso filho, passeando por um parque cheio de cigarras. Nós lhe explicávamos que as cigarras, com suas vozes em coro, cantam até morrer. Foi então que o pequeno filósofo perguntou: “Mas, mãe, se ela sabe que vai morrer, por que continua cantando?” Eis que esse pequeno nos questiona sobre a ausência de possibilidades de escolhas do pobre bichinho em questão. É isso que nos faz diferentes de todos os animais, explicamos a ele, que nos olhou desconfiado.



ética chamada de bullying também o é. Trata-se de um tipo de violência velada que denota a falta de ética e, assim, aponta a escolha por manter uma imagem de poder, de virilidade, de força psicológica sobre os outros. É uma forma de violência que acomete meninos e meninas todos os dias, de todas as idades, de todas as classes sociais, como provaram diferentes autores (ALMEIDA e DEL BARRIO, 2002, AVILÉS, 2003; AVILÉS e CASARES, 2005; FANTE, 2005; MASCARENHAS, 2009; TOGNETTA, 2009; TOGNETTA e VINHA, 2008; 2010; TOGNETTA *et al.*, 2010), desde os primeiros dados organizados por Dan Olweus (1993). Do ponto de vista da Psicologia Moral, é a “escolha” o que na verdade diferencia o bullying de uma brincadeira qualquer entre os alunos: há a intenção do autor em causar um sofrimento a um alvo “escolhido a dedo” para receber as agressões que se repetem no cotidiano, a ponto de fazer a vida deste último um “inferno”. As agressões com o mesmo alvo acontecem por um longo período de tempo e, necessariamente, há um desequilíbrio de poder físico e psicológico, que faz o escolhido permanecer nesta condição. Contudo, há outra característica interessante quanto à questão do poder: as agressões repetidas são realizadas entre pares que se mantêm num mesmo nível hierárquico, ou seja, sem diferença de autoridade. Sendo assim, bullying é uma forma de violência entre crianças, entre adolescentes, entre adultos ou entre jovens, mas nunca entre professor e aluno, ou entre pais e filhos e vice-versa, pois, nesses casos, há um desnível de autoridade em questão (AVILÉS, 2005; TOGNETTA, 2009; 2011). Tal é a crueldade do fenômeno, que é diante dos iguais (como veremos a seguir) e é pelos iguais que meninos e meninas são estigmatizados como diferentes. Exatamente diante daqueles que mais se quer ser igual, mais se quer pertencer a um mesmo grupo.

Há ainda outra condição necessária para que haja bullying: há sempre um público que assiste ou que sabe das cenas em que meninos e meninas são vitimizadas, visto que, mesmo não estando presentes na ação violenta, são coniventes com a situação e haverá sempre a necessidade, para o agressor, de contar com a admiração de um público que o faz manter a fama e a imagem que ele deseja diante dos outros.

O grande perigo de vivenciar cotidianamente essas situações é que aqueles que sofrem a violência, no auge de sua angústia, tentam ou cometem suicídio, matam ou articulam-se para matar, certamente porque é pesada demais a carga que não conseguem carregar. Matar-se ou matar os outros é um caminho para se libertarem desse flagelo. As palavras de um garoto espanhol, exaurido de forças para lutar contra seus opressores, são deixadas pela internet antes de se suicidar: “Livre, oh, livre. Meus olhos seguirão ainda que parem meus pés.” No entanto, matar-se pode não significar necessariamente apontar uma arma para o próprio corpo. Homens e mulheres, meninos e meninas se matam quando se prostituem, quando se drogam, quando praticam “rachas”, quando se prendem à solidão, já que suas vidas têm uma importância devida pequena. Precisam, portanto, de nosso olhar compadecido, para que possam ser fortalecidos em fazer cessar sua dor. Mas não são os únicos a precisarem de nós.

Autores de bullying também parecem sofrer. Interessantemente, um autor francês, Karli (1987), tentando explicar a agressividade humana, afirma que em pesquisas com animais, as emoções como medo, cólera, dor, frustração costumam ter um efeito estimulador de condutas agressivas que poderiam explicar o comportamento também humano, e quem sabe, afirmarmos nós, dos autores de bullying. Esses não aprenderam a transformar suas raivas em diálogo, em superação de problemas e na busca de

um valor de si, precisam se sentir superiores aos outros. E mais: o que aprenderam a valorizar são formas de violência e de humilhação sobrepostas à justiça ou à humildade. Carecem de sensibilidade moral, uma espécie de comoção à dor alheia, e não sabem, por incapacidade, se sensibilizar pelo outro (TOGNETTA e VINHA, 2008; 2010). Portanto, ambos precisam de nossa ajuda, visto que os dados mais recentes que temos sobre a existência de bullying entre nossas crianças e nossos adolescentes são alarmantes.

Pesquisas realizadas por Fante (2005) mostram que na região de Rio Preto, interior de São Paulo, essa violência também mostra sinais de existência. Outras, conduzidas por Mascarenhas (2009), na região Norte do país, atestam a urgência das intervenções. Os dados de uma investigação atual conduzida pela Plan (2010), uma organização não governamental de origem inglesa que atua no Brasil, em todas as regiões brasileiras, também dão provas de que o fenômeno é constante entre estudantes.

Na região de Campinas, encontramos, em 2010, dados também alarmantes. Em 2004 e 2005, conduzimos investigações que puderam constatar o fato em nossa região (TOGNETTA e VINHA, 2010). Naquela ocasião, perguntamos a cerca de oitocentas crianças e adolescentes de escolas públicas e particulares da região de Campinas: “Você já foi humilhado, diminuído, desprezado ou caçoado por parte de alguns alunos?”, para sabermos se essas crianças se viam muitas vezes como alvo de bullying dos seus pares, e assim pensarmos em intervenções para essas questões de agressividade que não chegam até nós. Parte dessa investigação consistia numa pesquisa-ação cujo objetivo era implantar um programa antibullying nas escolas particulares participantes da amostra, como um projeto piloto. Entretanto, introduzimos uma pergunta neste mesmo questionário que dizia respeito a situações de violência na escola,

advindas de outras fontes: “Você já foi humilhado, diminuído, desprezado ou caçoado por algum de seus professores?”

Para nossa surpresa, o grande problema que encontramos foi, além do bullying, o fato de que crianças e adolescentes indicavam terem sido humilhados, desprezados, diminuídos pelos próprios professores. Numa das amostras, do 4º ano do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio, encontramos um número razoável de respostas que indicaram já terem sido menosprezados, ameaçados, zombados por aqueles a quem chamamos de autoridade na escola. Por certo, tais ações são veladas e muitas vezes até não entendidas como formas de humilhação por aqueles que a recebem.

Em outra investigação conduzida por nós (TOGNETTA *et al.*, 2010), na região de Campinas, com 150 adolescentes estudantes de Ensino Médio de escolas públicas e particulares, pudemos constatar que mais de 20% dos alunos diziam já terem sido vitimizados em situações de bullying e outros 53% diziam já terem sofrido violências, não necessariamente repetidas vezes. São pesquisas que têm mostrado uma realidade muitas vezes escondida, já que as ações de bullying são praticadas longe dos olhos da autoridade.

Onde acontecem os casos de bullying? E onde meninos e meninas, que pouco se sentem respeitados ou pouco respeitam os outros, encontrariam pessoas que os humanizariam e os ajudariam a incorporar às imagens que têm de si valores como a justiça, a solidariedade, a tolerância ao diferente?

Na escola, na família, responderíamos. Mas podemos supor que a família, na maioria das vezes perdida, sem saber como educar, sem conhecer outras possibilidades senão as formas violentas, não tem sabido dar respostas suficientes ao problema da formação moral de seus filhos. Sobraria, então, a escola.



## POR QUE NA ESCOLA?

Muitos arriscam dizer que a escola é culpada por mais essa forma de violência que aconteceu em Realengo. Violência, desrespeito, como um possível caso de bullying, se um dia for apurada qualquer forma de humilhação ou de menosprezo, pela qual o autor dos disparos tenha passado repetidas vezes por seus pares. A escola, tão vitimada pela falta de formação de seus educadores, que por mais que desejem formar meninos autônomos, justos, cidadãos conscientes, pouco sabem o que fazer, teria essa responsabilidade?

Por que na escola? — insistiríamos. A resposta nos indica algo que ainda nos falta: a escola parece não ser vista como lugar de prazer, como local de convivência. Esse homem de hoje que agora mata foi um dia criança, aluno da escola. E como um sujeito normal, ou ainda que fosse uma personalidade patológica, precisava — assim como as crianças de hoje precisam — de uma escola que acolhe; de uma escola em que se brinque mais do que trabalhe (trabalho é para o professor, o que a criança faz é brincadeira); de uma escola em que se mexa com barro, com areia, faça roda, avalie o dia, planeje passeio, jogue muitos e muitos jogos e em que toda e qualquer criança seja ouvida. Seja ouvida nas suas muitas perguntas sobre o funcionamento do mundo. Seja ouvida no seu silêncio, nas suas dores.

É fato que bullying, essa violência entre pares não é apenas um acontecimento presente na escola. Mas tem, na escola, exatamente pela possibilidade de convivência entre iguais, uma maior propensão a acontecer.

A tragédia de Realengo suscita a discussão sobre o papel da escola na formação de seus alunos. Não estamos falando em culpa, mas em responsabilidade por educar moralmente seus alunos. Isso porque, do ponto de vista da Psicologia Moral,

bullying é um problema moral, já que é uma forma de desrespeito ao outro, provocada, quem sabe, pela ausência de alguém generoso, justo, compassivo, e da vítima, alguém que não se vê com forças para exigir o respeito a si. E se a moral (ou se aqui quisermos falar em ética, tratadas, por hora, como sinônimos) é conteúdo da escola, a tarefa de educar moralmente lhe cabe. Infelizmente, a escola tende a “fechar os olhos” para uma problemática que menos a incomoda, tratando muitas vezes os casos de bullying como “brincadeiras de crianças” ou simplesmente acreditando não existirem, eximindo-se de buscar soluções para aquele menino tímido que se distancia do restante da classe, ou para aquele que incorpora tantos valores perenes, fúteis, como o poder sobre o outro, como a força física.

Contudo, é triste saber que inúmeras pesquisas têm mostrando quanto a preocupação que se tem na escola está relacionada aos problemas que atingem diretamente os professores, como os casos de desobediência ou desrespeito às suas ordens. Numa pesquisa conduzida por Leme (2006) foram entrevistados 55 diretores sobre a gravidade das ações que acontecem na escola. Com 75% das respostas, os diretores consideram que as agressões verbais ou físicas, cometidas pelos alunos e professores, diretores e funcionários são um ato grave, enquanto as agressões físicas ou verbais de aluno contra aluno são uma falta menos grave. Quando se trata de conflitos entre os próprios estudantes, tanto professores quanto diretores se esquivam dessa tarefa de enxergar um problema moral. Estes são vistos como apenas “importantes” ou “menos importantes” por 30% dos diretores de escola pública e 20% das escolas particulares.

Por certo, pensando assim, a escola pouco tem contribuído para que os alunos possam se inserir nesse espaço público porque, infelizmente, estes últimos não têm encontrado espaços para fa-

lar sobre o que pensam, para resolver os próprios problemas em momentos como assembleias ou avaliações do dia. Pouco são chamados a participar efetivamente da construção das regras que regulam a própria convivência e, portanto, pouco veem sentido naquilo que a escola aponta como regra ou condição para o seu convívio. Assim, a escola parece destituir a importância do que é público. O resultado dessas ações é congruente: nossos alunos parecem pouco se preocupar com o outro.

Em uma de nossas investigações realizadas com 150 adolescentes de 8<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup> anos do Ensino Fundamental, no ano de 2007, de escolas públicas e particulares do interior paulista, pedimos que esses meninos e meninas nos indicassem: “O que as pessoas fazem que deixa você com raiva ou indignado?” (TOGNETTA e VINHA, 2009). Pudemos constatar, pelas respostas, que eles pouco se indignam pela falta de conteúdos morais. E mais que isso: pouco conseguem se inserir num espaço que é público, assim como não incluem o outro como sujeito digno de respeito. Isso, pois, 35,33% das respostas de nossos adolescentes apresentam valores considerados individualistas, já que se indignam quando acreditam que seus direitos foram violados. Uma espécie de “justiça autorreferenciada”. Outros 40,66% das respostas se referem a valores estereotipados e a relações próximas, afirmando que esses adolescentes, ainda heterônimos, consideram apenas o meio social restrito ao que vivem, quando, por exemplo, se indignam quando alguém “xingou minha mãe ou meu pai”. Somente 24% desses adolescentes se referem à indignação, à falta de virtudes, à falta de dignidade, à desonestidade, à injustiça que acomete qualquer que seja a pessoa, inclusive a si mesmo. Tais dados revelam exatamente a ausência do valor ao que é público, visto que, se somarmos as porcentagens daquele tipo de justiça autorreferenciada àquela atribuída aos que são próximos, temos 76% das respostas em

que meninos e meninas adolescentes parecem não se incluir numa esfera pública que envolva a si e os outros.

Por que não se indignam pela falta de valores morais? Por que se distanciam de enxergarem a si e os outros como sujeitos de direitos? Porque pouco participam da vida pública na escola e porque essa instituição está longe de fazer com que seus alunos se sintam, de fato, pertencentes...

#### ENTÃO, O QUE PODEMOS FAZER PARA VENCER AS SITUAÇÕES DE BULLYING NA ESCOLA?

A primeira de nossas ações será lembrar que as crianças são diferentes das cigarras. Parece óbvio, mas não é. Nossos pequenos podem, como humanos, escolher e se responsabilizar por suas escolhas. Se assim são, crianças e adolescentes precisam encontrar na escola oportunidades de pensar sobre as ações violentas que acontecem entre eles. Se lhes falta, no caso dos autores de bullying, sensibilidade moral, é preciso que tenham na escola possibilidades de vivenciar situações em que possam ser construídos valores morais como a generosidade, a justiça ou qualquer outro. Se lhes falta, no caso dos alvos de bullying, força para superarem seus medos de serem diferentes, é preciso que sejam fortalecidos dia a dia, sentindo-se pertencentes a um grupo, fazendo escolhas, planejando, decidindo sobre as soluções para os problemas cotidianos que têm. É fato e temos insistido na ideia de que não conseguiremos vencer o bullying na escola se apenas tivermos ações pontuais nos momentos de crise, até porque muitas vezes desconhecemos o fato de que nossos alunos são vitimizados por seus companheiros. Enquanto problema moral, vencer o bullying é tarefa da escola e não de Conselhos Tutelares, polícia ou disque-denúncia, que menos promovem a forma-



ção moral dos que estão envolvidos e os tratam como criminosos. Nossas pesquisas têm evidenciado a necessidade de se repensar a constituição do ambiente sociomoral, em que crianças e adolescentes se inserem e como todas as ações de professores e alunos podem contribuir para a formação desses meninos e meninas (TOGNETTA e VINHA, 2008; 2010; TOGNETTA, 2011).

Isso significa que não estaremos “perdendo tempo” quando tivermos um conflito entre as crianças para ajudar a resolver. Estaremos, sim, gastando tempo com algo imprescindível que é ajudá-los a se regularem para agir moralmente. Pensemos num exemplo que pode nos ajudar a entender tais questões.

Outro dia assistimos a uma cena em que estudantes do Ensino Fundamental II brincavam de jogar borrachinhas uns nos outros. Tiravam o tubo da caneta, cortavam a borracha (material escolar) em pedacinhos e as atiravam, soprando pelo tubo, nos cabelos das meninas que histericamente gritavam, fugindo dos garotos, numa verdadeira brincadeira de perseguição. Era inter-valo entre aulas. Quando a professora chegou à porta da sala e viu aquela confusão, a primeira coisa que fez foi bater as mãos e gritar ainda mais alto que as meninas: “Cada um no seu lugar!” Todos atenderam, ainda que sob protestos, ao grito da professora. O que veio a seguir denota exatamente quanto as crenças de que a moral é ensinada ainda pairam sobre nós. A professora questionou sua turma: “Eu quero saber quem é que começou essa brincadeira.” E recebeu como resposta um turbilhão de apontamentos: “Foi ele”, “Mas ela também estava gostando”, “Foi ela”, “Mas ele é quem começou”. A professora então gritou novamente, dizendo: “Chega! Vocês dois, fora, para a diretoria!” Sob protestos de ambos, dois meninos foram colocados para fora da sala e seguiram para a diretoria. Ela então, junto aos que ficaram, ordenou: “Vamos começar a aula, pois já perdemos tempo demais.”

O que está implícito nessa cena cotidiana que é tão necessária para compreender as ações que podemos tomar como combate ao bullying? Vejamos: ao apontar dois culpados pela cena em que todos estavam envolvidos, a professora denota uma crença de que a moral se aprende com um modelo e com uma punição. É exatamente por acreditar que os outros irão aprender apenas vendo o que acontecerá com os dois que foram castigados que ela age assim. Desde 1932, Piaget asseguraria que a moral não é ensinada, mas construída. Quando o sujeito pode pensar sobre a necessidade das regras, quando pode comparar possibilidades de solução para seus problemas, quando pode se sentir pertencente a um grupo no qual convive, quando pode dizer o que sente diante de uma situação de conflito, tem a oportunidade de construir por si e pelo outro o respeito.

A situação das borrachinhas era um momento ideal para que os alunos pudessem pensar na necessidade da regra de respeitar o outro. Como? Se temos claro que a moral é construída, será preciso um espaço para essa construção — questionando os envolvidos sobre “O que acontece com a borrachinha quando assopramos nos outros?” e “Como você se sente recebendo borrachinhas no seu cabelo junto com o cuspe do amigo?”, assim como “O que podemos fazer para que isso não aconteça mais?” —, e dessa forma poderemos ajudar nossos alunos a construir o valor da regra e perceber os sentimentos alheios. Não constatamos que lhes falta exatamente a sensibilidade moral?

O que queremos dizer é que o tempo que a professora diz ter sido perdido é o tempo que precisamos para formar moralmente nossos alunos. Isso porque, diferentemente da sociedade, em que as regras de convivência estão postas, a escola é lugar de formação moral, em que as regras precisam partir da necessidade advinda da convivência diária. Em uma palavra, formar valores depende de um trabalho sistemático e preven-

tivo, do dia a dia, com a participação das crianças nas decisões, nas escolhas, no planejamento, na avaliação cotidiana... como uma “vacina” diária aos problemas, também diários. Se bullying é um problema decorrente da falta de ética, é porque a “vacina” tem faltado nas nossas escolas.

Obviamente, o trabalho da família muito ajudará a superar as possíveis situações de bullying que acontecem na escola. Mas, como já dissemos, os pais de nossos alunos pouco sabem o que fazer para educar seus filhos diante de uma sociedade pós-moderna em que vivemos (SAYÃO e AQUINO, 2006). Será nossa tarefa de também formá-los, para que possamos de fato ter uma parceria. Isso porque, como diria um velho ditado popular “ninguém dá o que não tem”, assim, como podemos exigir dos pais uma parceria, se eles não sabem o que fazer?

Por certo, é preciso que pais e professores encorajem seus filhos e alunos a se indignar com as agressões dos outros. É preciso que se diga a um aluno que é alvo de bullying: “Por que você está deixando que fulano faça isso com você?”. E ainda: “O que você pode fazer para que isso não aconteça mais?” Por que fazemos tais indagações? Exatamente pelo fato de que precisamos gerar na criança um sentimento de valia: ela é importante e precisa se defender. Com os pequenos, podemos utilizar de algo bastante eficiente nesse momento: o jogo simbólico. Podemos brincar com a criança que é agredida dizendo “Vamos fazer um foguete e mandar fulano para o espaço...” ou “Vamos atrair um raio congelante nele...”, ou ainda “Você não pode me vencer e eu não vou deixar você me pegar porque vou correr mais rápido que um raio...”. Brincando, simbolicamente, a criança pode se indignar e se sentir fortalecida para se defender das ações dos outros.

Essas são pequenas atitudes cotidianas que pais e professores, com firmeza, e ao mesmo tempo com paciência, podem ter para transformar as relações que são estabelecidas na escola.

A tragédia de Realengo mostra que a escola muito tem a fazer, começando pelo reconhecimento de sua parcela de responsabilidade para transformar as relações no seu interior.

Enfim, assim como em Realengo, recentemente assistimos a outra cena de violência protagonizada por dois garotos australianos. Um menino, diferente do padrão social vigente, gordinho, quieto, foi intimidado por outro, seu algoz, completamente inferior do ponto de vista do poder físico de que dispunha, mas superior do ponto de vista psicológico. Alvo de bullying desde a infância, o menino australiano dá um basta nas constantes ameaças e maus-tratos que vinha recebendo desde então. O vídeo do momento em que essa vítima ergue com toda sua força seu agressor e o joga no chão é assistido por milhões de pessoas. Em depoimento a um jornalista australiano, dias depois, o menino que se tornou um herói diante da câmera de um celular, deixa uma mensagem emocionante a todos. Quando o repórter lhe faz a seguinte pergunta: “Há provavelmente milhares de garotos no mundo todo passando pelas mesmas coisas que você passou, o que falaria para eles?” Espera-se que o menino diga que sigam seu exemplo, que reajam, que façam como ele fez... Mas não é essa a resposta que temos dele. Temos, sim, uma resposta que nos sufoca como educadores. Responde ele: “A escola não irá durar para sempre.” Essa é a escola que temos e que nos faz pensar se realmente estamos cumprindo nosso papel de educar: um lugar em que não se vê a hora de sair...

A violência na Austrália ou no Brasil, em Realengo, ensina a nossos filhos e a cada um de nós que somos educadores, que é preciso, mais do que nunca, que a generosidade, a compaixão sejam conteúdos da escola. Daquela escola, que talvez tenha sido “escolhida a dedo”, e de tantas outras cuja saudade deve ficar para quem passa por ela como um lugar em que um dia “eu fui feliz”. Essa será nossa maior contribuição para vencer o bullying.



## SOBRE A AUTORA

LUCIENE REGINA PAULINO TOGNETTA é doutora pelo Instituto de Psicologia da USP e coordenadora da linha de pesquisa Atividade e virtudes, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral pela Unicamp/Unesp.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. A.; DEL BARRIO, C. "A vitimização entre companheiros em contexto escolar. Um novo método narrativo para estudo das representações dos maus-tratos entre pares na pré-adolescência: O *Scan Bullying*." In: MACHADO, C.; GONÇALVES, R. A. (orgs.). *Violência e vítimas de crime*. Vol. 2 — Crianças. Coimbra: Quarteto, 2002.
- AVILES, J. M. "Representaciones acerca del maltrato entre iguales, atribuciones emocionales y percepción de estrategias de cambio a partir de un instrumento narrativo: *Scan Bullying*." *Infancia y Aprendizaje*, 26 (1), 2003, p. 63-78.
- AVILES, J. M.; CASARES, I. M. "Estudio de incidencia de la intimidación y el maltrato entre iguales en la educación secundaria obligatoria mediante el cuestionario CIMEI." *Anales de Psicología*, vol. 21, nº 1, jun. 2005.
- FANTE, C. *Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.
- LEME, M. I. S. *Convivência, conflitos e educação nas escolas de São Paulo*. Instituto SM para a Educação, 2006.
- MASCARENHAS, S. A. N. "Bullying e moralidade escolar: Um estudo com estudantes do Brasil (Amazônia) e da Espanha (Valladolid)." *Anais do I Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral (COPPEM)*. Campinas: Faculdade de Educação, Unicamp, 2009.
- OLWEUS, D. *Bullying at School. What We Know and What We Can Do*. Oxford: Blackwell, 1993.
- PLAN. "Pesquisa: Bullying Escolar no Brasil. Relatório Final." *Revista Brasileira de Educação*, nº 5-6, São Paulo, p. 222-231, 2010.
- PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1932/1994.
- SAVATER, F. *Ética para meu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SAYÃO, R.; AQUINO, J. *Família: Modos de usar*. Campinas: Papirus, 2006.

TOGNETTA, L. R. P. "Violência na escola: Os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos." In: *A formação da personalidade ética: Estratégias de trabalho com afetividade na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. "Um olhar sobre o bullying escolar e sua superação: Contribuições da Psicologia Moral." In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. *Conflitos na instituição educativa: Perigo ou oportunidade? Contribuições da Psicologia*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA T. P. "Valores em crise: O que nos causa indignação?" In: LA TAILLE, Y.; MENIN, M. S. S. *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009.

\_\_\_\_\_. "Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social." *Revista Educação*, Santa Maria, vol. 35, nº 3, set./dez. 2010, p. 449-464.

TOGNETTA, L. R. P. et al. "Características das relações entre pares e sua relação com o fenômeno bullying." In: GUIMARÃES, Áurea M.; PACHECO, ZAN, Dirce Djanira. *Caderno de resumos do I Seminário Violar: Problematicando juventudes na contemporaneidade*. Campinas: FE/Unicamp, 2010.